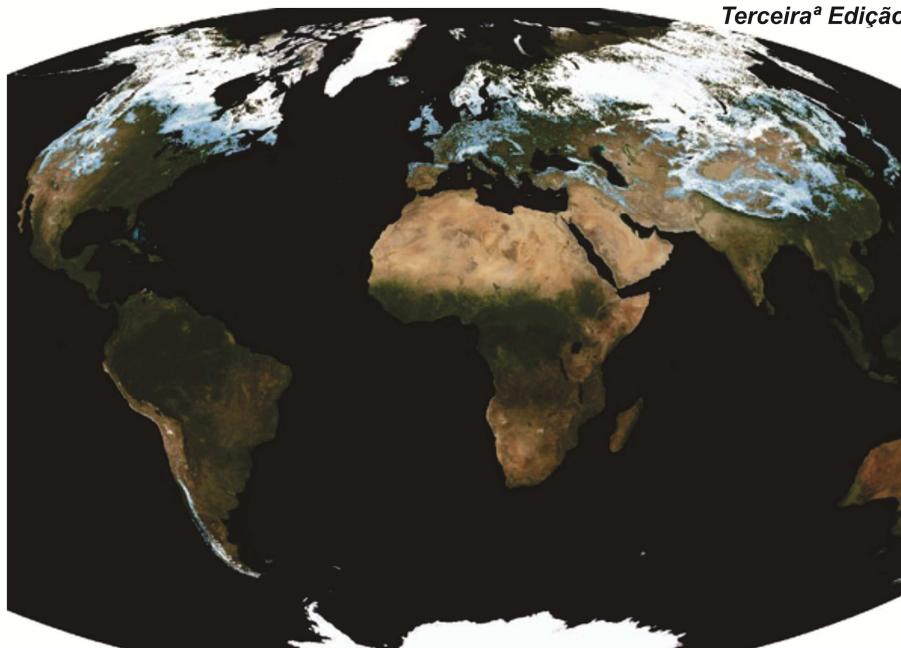


# TURISMO E AQUECIMENTO GLOBAL

Perspectivas de Sustentabilidade

*Terceiraª Edição*



**Anderson Pereira Portugal**



**Anderson Pereira Portugal**

**TURISMO E AQUECIMENTO GLOBAL  
PERSPECTIVAS DE SUSTENTABILIDADE**

**3ª Edição**  
Revisada e ampliada



**Ituiutaba - MG  
2010**

© Anderson Pereira Portuguese, 2010.  
Arte Gráfica e Editoração: José Henrique de Souza Moraes  
Ilustrações: Rodrigo Medeiros Menezes.  
Revisão ortográfica: Maria Izabel Carvalho Pereira.  
Capa: Clube de autores.

Contatos:  
Editora: *Barlavento*  
Prefixo editorial: 68066  
Braço editorial da Sociedade Cultural e Religiosa Ilé Asé Babá Olorigin.  
CNPJ: 19614993000110  
Caixa postal nº 9. CEP 38.300-970, Centro, Ituiutaba, MG.

Conselho Editorial:  
Mical de Melo Marcelino (Editor-chefe).  
Antônio de Oliveira Junior.  
Anderson Pereira Portuguese.  
Maria Izabel de Carvalho Pereira.  
Giovanni F. Seabra.  
Claudia Neu.  
Hélio Carlos Miranda de Oliveira  
Jean Carlos Vieira Santos

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo e aquecimento global: perspectivas de sustentabilidade / Anderson Pereira Portuguese. 3 ed. Ituiutaba: Edição do Autor, 2010. 42 p.

**ISBN: 978-85-910584-0-2**

1 Geografia – 2 Aquecimento Global – 3 Turismo –  
4 Anderson Pereira Portuguese.

Os conteúdos a formatação de referências e as opiniões externadas nesta obra são de responsabilidade exclusiva dos autores de cada texto.

Todos os direitos desta edição foram reservados ao autor e à Barlavento.



## SUMÁRIO

Apresentação	5
Pegadas	7
Sustentabilidade: fato ou discurso generoso?	9
O aquecimento global	16
Turismo e aquecimento global	21
Impactos do aquecimento global sobre a demanda potencial do turismo	24
Propostas para minimizar os efeitos do turismo sobre o aquecimento global	28
Considerações finais, ou dúvidas finais?	41
Referências	43
Sobre o autor	45

## **Apresentação**

O aviso já foi dado, mas parece que insistimos em não compreendê-lo. O que será que estamos esperando?

Para entendermos o que está ocorrendo com a humanidade neste momento, podemos imaginar uma situação cotidiana e, a partir dela, refletirmos sobre o aquecimento global.

Imaginemos um vazamento no cano da pia de sua cozinha: se você tomar uma atitude imediata, os custos de recuperação serão relativamente baixos. No entanto, se a decisão de agir tardar demais, além do desperdício de água, as conseqüências podem ser muito desagradáveis. Uma parede com infiltração é algo que incomoda a todos, principalmente a seu vizinho de baixo.

Al Gore (2006) tem razão ao afirmar que tardamos demais para agir. Parece que somos realmente lentos para tomar decisões e implementar ações efetivas para reduzir os efeitos do aquecimento global, mesmo sabendo de suas conseqüências.

Assim como a infiltração mina a estabilidade da parede e as relações sociais com a vizinhança, o agravamento do aquecimento global em decorrência da irresponsabilidade humana degrada o planeta e põe em risco as boas relações internacionais.

O que nos falta para agir? Talvez reflexão e conhecimento. Este livro é, portanto, um convite à reflexão a respeito do aquecimento global sob a ótica do turismo. É uma pequena contribuição para que os profissionais do setor possam debater mais o assunto, considerado prioritário na atualidade.

Trata-se de um convite à mudança de atitudes, no sentido de criarmos juntos, uma sensibilidade coletiva para preservarmos o ambiente, respeitarmos a dignidade do outro e assegurarmos a nossa própria existência. Não temos mais muito tempo para dúvidas. As evidências já foram mostradas e agora precisamos fazer algo pelas gerações do presente e do futuro.

Da forma como as sociedades do mundo vêm agindo, parece que há uma certeza coletiva de que quem hoje é criança, daqui a alguns anos desenvolverá tecnologias para ter acesso aos recursos naturais que, na atualidade, não sabemos gerenciar e desperdiçamos sem piedade.

Não podemos ter esta postura. Precisamos nos educar para uma nova sensibilidade baseada na felicidade individual e principalmente coletiva. Não podemos mais reproduzir modelos de sociedade que simplesmente não se importa com a real possibilidade de agravamento das desigualdades sociais, pois com o aquecimento global nem todos terão acesso aos recursos que hoje, já se mostram em fase de escasseamento em muitas nações do mundo.

Fica ai, então, o nosso apelo, o nosso convite.

Boa leitura!!  
Anderson P. Portuguese

## Pegadas

*Todas as ações humanas deixam sua marca na natureza.  
Tanto as boas ações, quanto as consideradas más... todas  
elas deixam marcas.*

*Até um simples caminhar pode ser forte o suficiente para  
que o planeta perceba nossa existência.*

*Por onde caminhamos deixamos nosso rastro. Portanto,  
cuidado com os passos que der na vida.*

*Suas pegadas podem ser profundas ou suaves...*

*Podem ser tortas ou impecáveis...*

*Podem contornar ou esmagar plantas...*

*Podem ir e podem vir.*

*Podem se eternizar como fóssil, ou se apagar com o  
tempo...*

*Mas jamais pela memória.*

*Caminhe com cuidado, pise suave. E lembre-se de vez em  
quando olhar para traz.*

*Suas pegadas são marcas de sua história e testemunhas de  
seu caráter.*



## **SUSTENTABILIDADE: FATO OU DISCURSO GENEROSO?**

Quero começar esta terceira edição contando uma breve história. Juro que é verdadeira.

Quando eu estava na quarta série do Ensino Fundamental, antigo “Primeiro Grau”, tia Penha, nossa amada professora, nos pediu para desenhar em nossos cadernos a imagem que fazíamos das cidades do futuro.

Eu, assim como 99% da turma, imaginava que no ano 2000 existiriam carros sem rodas que flutuariam graciosamente por entre edifícios altíssimos. Imaginava que as pessoas se teletransportariam e usariam máquinas saídas dos filmes mais loucos que passavam na televisão. No meu desenho, eu até me via com uma roupa especial que me faria flutuar.

Mas uma das alunas teve outra percepção. Para ela as cidades do ano 2000 não teriam água limpa, nelas não haveria mais espaço para os carros, o ar seria poluído e o morro que ficava na frente da escola estava tomado por barracos até seu topo. Sua apresentação da ilustração foi chocante! Um escândalo!

A colega foi duramente repreendida e seus pais foram chamados à escola para que soubessem do fato e, de preferência, a levassem a um psicólogo, pois segundo a pedagoga, a menina certamente deveria sofrer de alguma síndrome depressiva.

18 anos se passaram. O ano 2000 chegou e os carros não voaram. Alguns dos prédios (que realmente cresceram muito) foram derrubados por aviões ou bombas em atos terroristas. Agora sou eu que me deito em divãs e ela, a pobre menina “depressiva”, tornou-se uma espécie de vulto

que me assombra todas as vezes que ouso acreditar cegamente no que a televisão me mostra.

Que esta história sirva para alertá-los para um fato: é muito fácil acreditar nas coisas que nos parecem boas. Por este motivo, quero iniciar nossa discussão questionando a noção de “sustentabilidade”, utilizada de forma proposital no título desta obra.

## **O discurso *ambientaloide* do século XX**

O caldeirão de termos inventados para designar coisas supostamente bacanas, mas que dão resultados duvidosos é de fato impressionante. Gestão ambiental, ecomarketing, consumo verde, ecodesenvolvimento, desenvolvimento sustentável, solidariedade ambiental, aldeia global e mais um cem números de termos chamativos vêm cada vez mais se fazendo presente nos discursos políticos, nas filosofias organizacionais e até mesmo vêm se integrando ao vocabulário do dia-a-dia.

Muitos destes termos não foram cunhados no âmbito das academias e sim pela mídia de massas, o que os tornam repletos de pompa, mas pobres de sentido prático. Depois de criados e incorporados ao vocabulário comum, muitos pesquisadores se vêm obrigados a encontrar sentido lógico para eles e isto tem gerado discussões acalouradas sobre esta ou aquela expressão.

Mas afinal de contas, do que tratam estes termos? A quais interesses e ideologias eles atendem? Bem, discuti-los não é o foco deste trabalho, mas entendemos que vale a pena levantar algumas questões sobre este conjunto de expressões, que genericamente chamaremos de “generosos”.

A Gestão Ambiental vem se apresentando como um discurso muito freqüente entre as empresas que se dizem “responsáveis”. É uma noção generosa de gestão, que vem humanizando muitas cadeias produtivas, mas que precisa ser observada como fenômeno histórico. Que intenções estão de fato envolvidas no discurso da Gestão Ambiental e, de forma mais ampla, no da dita “sustentabilidade”?

Do ponto de vista das ciências sociais, o século XIX foi um período de grande generosidade teórica quando inúmeras idéias foram veiculadas em todo o mundo, sobretudo na Europa e Estados Unidos.

Bom exemplo foi a teoria marxista que questionou, entre muitas outras coisas, as condições de produção e reprodução da economia urbano-industrial, que ampliava crescentemente a expropriação dos bens e meios de produção, aumentava as desigualdades sociais e agravava a exploração da força de trabalho. Tudo isso em nome de um modo de viver que se impunha desde meados do século XVIII: o capitalismo industrial.

Marx, com sua visão crítica dos acontecimentos do período, pensou nos rumos do capitalismo como gerador (ou pelo menos agravador) da grande miséria humana. A visão generosa de sua obra fundamenta-se na crença de um mundo mais igualitário e justo, onde todos poderiam desfrutar dos benefícios da produção.

Os rumos tomados pela história fizeram com que as economias comunistas se afundassem e, em contrapartida, o capitalismo evidenciou seu poder de dominação dos modos de produção em escala global. A técnica e a informação concretizaram o processo de globalização, gerando um modelo de mercado jamais visto em toda existência humana. Para Rodrigues (1997), o atual quadro geopolítico é a fase da grande hegemonia norte-americana que, agora,

experimenta seu auge e contraditoriamente, crises muito indigestas.

Se por um lado o pensamento marxista não sobreviveu em sua plenitude, trouxe grandes avanços para as sociedades, sobretudo ocidentais, que reconhecem a necessidade de humanizar cada vez mais o capitalismo por meio da adoção de princípios valorizados pelo pensamento socialista. Hoje há no Brasil, por exemplo, mais preocupações com o ativismo social, desenvolvimento de base local, fortalecimento dos sindicatos, elaboração de novos projetos para diminuição da pobreza, entre outros.

Em outras palavras, a generosidade do pensamento marxista sobreviveu de outras formas. Mesmo não se impondo como modelo geopolítico e econômico dominante, foi capaz de minimizar, ainda que em parte, a voracidade do capitalismo. A emergência do chamado “terceiro setor” é frequentemente apontada como outro viés do movimento histórico descrito.

Mas será que existem atualmente novas “generosidades teóricas” em tempos de globalização?

O modelo econômico assumido globalmente após a segunda grande guerra trouxe à tona uma série de questões que põem o homem em conflito com sua própria condição de existência.

O meio natural, cada dia mais exaurido, requer um elevado grau de intervenções em seu favor para que os aspectos de sua falência não criem situações de anti-reprodução do lucro de muitas empresas. Por outro lado, a imensa produção econômica dos países centrais do capitalismo exige, cada vez mais, recursos naturais que, se não forem oferecidos em abundância, resultarão na inoperância de importantes engrenagens do mundo globalizado.

Essa situação causou na década de 1960, uma série de manifestações a favor do ambiente, das culturas locais e das identidades nacionais. O homem comum começou nesta época, a perceber que perdia a noção de tempo e espaço na medida em que o capitalismo informacional se apropriava de seu cotidiano (DONAIRE, 1999).

A década de 1960 foi tempos de críticas e crises. A idéia de preservação/conservação do ambiente através de uma nova visão de crescimento econômico - o desenvolvimento sustentável - passou a figurar como a grande proposta generosa do século XX. Embora pouco pragmática, tanto quanto teorias anteriores, a visão de sustentabilidade teve o mérito inquestionável de dialogar ideologicamente com os modelos tradicionais - pós-fordistas - de desenvolvimento.

Fundamentada em três princípios básicos (crescimento economicamente viável, justiça social e responsabilidade ambiental), a idéia de desenvolvimento sustentável é, por si só, contraditória. Como criar estratégias promotoras de justiça social (conceito tão caro aos marxistas e neomarxistas) em plena macroestrutura produtiva do pós-guerra? É possível em pleno capitalismo informacional (era atual) conseguir lograr programas locais regionais e nacionais de bem-estar-social sem agredir o princípio fundamental do capitalismo: a acumulação?

Mas, se por um lado existe certa ingenuidade no discurso da sustentabilidade, não se pode ignorar o papel civilizatório que desempenhou ao longo da segunda metade do século passado, quando influenciou a legislação de inúmeros países, gerando as bases de uma nova concepção de sociedade.

Não deu os resultados esperados e nem produziu uma nova concepção de mundo, pois a pobreza, que aflige 3

bilhões de habitantes do planeta, ainda é o principal elemento gerador de mazelas socioambientais. No entanto, incentivou a criação de estratégias de salvaguarda da natureza por meio de um maior controle de espaços naturais legalmente protegidos, além de uma consciência mais crítica no que se refere à necessidade de preservação da natureza.

Outra questão que freqüentemente vem à tona e merece ser relida, é a idéia de que vivemos em uma grande comunidade planetária. A concepção de “planeta solidário” proposta por Fremon (geógrafo francês) ao refletir sobre a globalização é outra visão generosa de mundo. Obviamente, convém dizer que para pensadores de linha mais crítica, como Andrade (2008) e Portuguez (2004), esta noção soa muito mais a cinismo que propriamente generosidade.

Também defendemos a idéia de que há uma linha muito tênue que separa a generosidade teórica do mero cinismo retórico.

Não se pode esquecer-se das profundas desigualdades macrosociais que inviabilizam o grande projeto da “aldeia global”. Este é, na realidade, um discurso inalcançável quando se pensa na grande quantidade de excluídos, como os quase dois bilhões de humanos que vivem próximos, ou abaixo da linha da pobreza, ou seja, miséria absoluta, em todo o mundo. Não se pode falar em um planeta solidário, nem do ponto de vista social, nem ambiental.

Talvez, se pensarmos na tecnologia e nas novas concepções de tempo e espaço, essa solidariedade exista em determinados lugares muito privilegiados. Ela é, portanto, tecnológica e se manifesta por meio da globalização em sociedades específicas gerando uma imensa massa periférica. Em outras palavras, se vivemos em uma aldeia global, muitos de nossos vizinhos ocupam ocas que estão caindo aos pedaços.

Uma globalização verdadeiramente solidária. Seria essa uma nova utopia generosa? Será que nosso modelo de sociedade deseja realmente integrar interesses e expectativas tão semelhantes quanto água e azeite?

A globalização tal qual a conhecemos na atualidade, é por excelência uma expressão do modo de produção capitalismo informacional (SANTOS, 1996). Sendo assim, como seria possível esperar por tempos de maior justiça social se os cenários que se anunciam mostram que as tempestades se amontoam no horizonte da economia global?

Mas há um ponto positivo nesta noção de “aldeia global”. Ainda que ela não exista da forma como foi vislumbrada, ela incentivou a emergência do chamado “terceiro setor” e fortaleceu antigas lutas por direitos humanos. Hoje falamos mais em direitos das mulheres, das crianças, dos gays e dos idosos. Vemos ações efetivas de ONGs que lutam pelos direitos humanos e pela humanização das relações sociais e tudo isto pode ser apontado como avanços.

Ou seja, mesmo que ingênuas, generosas em excesso, ou até mesmo cínicas, essas idéias trouxeram benefícios, ainda que suas totalidades não tenham se concretizado na prática.

Nosso maior desafio, talvez, seja abrir mão da esperança que freqüentemente depositamos em idéias generosas e passar a trabalhar com um conceito mais palpável: a ação focada em resultados. Precisamos pensar nisso. Precisamos inclusive desconfiar da generosidade de modelos de mundo ideal, para que não sejamos vítimas de nossa tendência natural de acreditar em qualquer promessa que nos inspire esperança.

## **O AQUECIMENTO GLOBAL**

A expressão “aquecimento global” refere-se ao aumento da temperatura média dos oceanos e do ar perto da superfície terrestre. Trata-se de um fenômeno natural e cíclico, mas que na atualidade está sendo agravado em função da ação humana. Dados de pesquisas científicas publicadas em todo o mundo apontam para a possibilidade de continuação do aumento global das temperaturas durante as próximas décadas.

Segundo o IPCC<sup>1</sup>, boa parte do aumento de temperaturas registrado nos últimos 50 anos se deve certamente ao efeito estufa, causado pelo aumento nas concentrações de gases que retêm temperatura na atmosfera terrestre, dificultando sua dispersão para o espaço.

Modelos climáticos referenciados pelo IPCC projetam que as temperaturas globais de superfície provavelmente aumentarão no intervalo entre 1,1 e 6,4 °C entre 1990 e 2100. Apesar de que a maioria dos estudos tem seu foco no período de até o ano 2100, espera-se que o aquecimento e o aumento no nível do mar continuem por mais de um milênio, mesmo que os níveis de gases estufa se estabilizem. Isso reflete na grande capacidade calorífica dos oceanos.

---

<sup>1</sup>O IPCC - *Intergovernmental Panel on Climate Change* (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas) foi estabelecido em 1988 pela Organização Meteorológica Mundial - OMM e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA, após a realização da Conferência Mundial sobre Mudanças Atmosféricas, "*The Changing Atmosphere: Implications for Global Security*", em Toronto, no Canadá.

As conseqüências deste aquecimento ainda estão sendo pesquisadas, mas os cenários que são frequentemente apresentados são assustadores. Vejamos alguns exemplos:

1- Anualmente, em todo o mundo, uma área aproximada de 2.000 quilômetros quadrados passa por processos de desertificação devido à falta de chuvas.

2- Cerca de 40% da vegetação amazônica pode desaparecer caso a temperatura suba na região. Esta previsão foi feita com modelos que simularam um aumento entre 2°C e 3°C até o final do século.

3- A geleira Gangotri , localizada no Himalaia, perdeu 2 km de extensão nos últimos 150 anos. Estudos apontam para a aceleração deste processo.

4- Atualmente, a atmosfera terrestre apresenta o preocupante volume de 750 bilhões de toneladas de dióxido de carbono, um dos gases do efeito estufa. Boa parte da produção deste gás se deve à utilização de combustíveis fósseis, principalmente nos países desenvolvidos.

5 O aquecimento global aumenta o nível do mar em função do degelo das áreas polares e topos de montanhas. Até 2050, acredita-se que muitos deltas espalhados pelo mundo, serão inundados e suas populações deverão ser realojadas.

6 De acordo com estudos publicados pela *National Sachetimes* de Nova Iorque em julho de 2005, a calota polar ártica deverá desaparecer por completo durante o verão dentro dos próximos 100 anos. Isso pode causar graves alterações na dinâmica das correntes marítimas e na circulação atmosférica.

7- Os padrões de secas e chuvas serão alterados em todo o planeta. Há evidências de desertificação em

diversas áreas do sertão nordestino, o que pode agravar ainda mais a pobreza na região.

8- Animais e plantas já dão sinais de tentarem se adaptar a mudanças climáticas. Infelizmente a evolução das espécies não consegue acompanhar as transformações ambientais, que estão ocorrendo em ritmos rápidos demais. A consequência é a possibilidade de extinção e desequilíbrios ambientais graves. Estima-se que de acordo com as condições ambientais, o volume de redução de espécies pode variar entre 9% e 58%.

Há cientistas, no entanto, que contestam o cenário anunciado pelos defensores do aquecimento global. Molion (2008), por exemplo, chegou a afirmar que os modelos de clima (MCG) que deram os resultados anunciados pelo IPCC tiveram equações matemáticas que não foram adequadamente analisadas e, portanto, representam um panorama catastrófico exagerado.

No entanto, para respeitáveis investigadores da dinâmica climática mundial, como os que integram o IPCC, não há como negar nossa participação neste processo. A espécie humana é, para eles, de longe, a que mais altera as condições ambientais em escala planetária. Segundo Seabra (2007):

A história recente revela que em algumas centenas de anos a ocupação da América do Norte extinguiu 73% dos mamíferos de grande porte que povoavam o continente no final do Pleistoceno; por outro lado, a colonização da América do Sul destruiu 80% da fauna pleistocênica. Junto a esses dados, pode-se acrescentar a quase total extinção das tribos indígenas em todo o continente americano, devido ao

avanço da colonização e das frentes pioneiras. No período colonial, 10 milhões de africanos foram eliminados. Na descoberta do Brasil a população indígena totalizava três milhões de indivíduos, dos quais restam pouco mais de 300 mil, em sua maioria perecendo pela fome, desnutrição e doenças infecto-contagiosas.

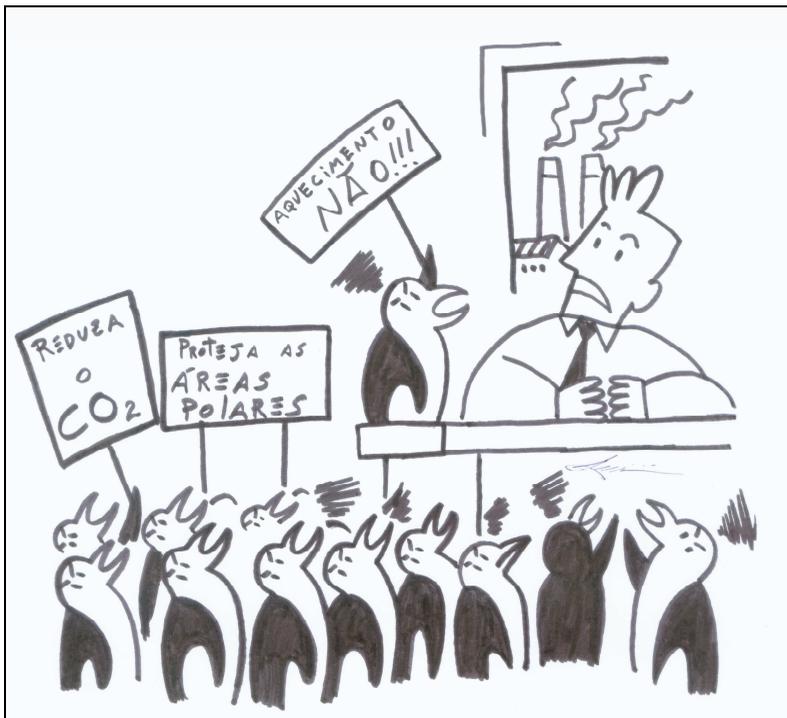
Para minimizar os efeitos da ação humana sobre a natureza, de modo a reduzir o ritmo do aquecimento global, foi assinado em 1997 o Tratado de Quioto. Trata-se de um sistema de decisões gerenciado por organismos ligados às Nações Unidas, que visa diminuir gradativamente as emissões dos gases do efeito estufa, principalmente o CO<sub>2</sub>. Das nações mais importantes do mundo, apenas duas não ratificaram este tratado: Austrália e Estados Unidos da América, o que mostra uma postura arrogante e descompromissada destas nações para com a causa ambiental global.

O Tratado de Quioto prevê um sistema de crédito para os países que comprovadamente reduzirem suas emissões e, neste sentido, muito ainda há para se fazer, pois a utilização de combustíveis fósseis e ou perda de áreas verdes, são realidades ainda não alteradas na maior parte do mundo.

Como se viu, as alterações impressas nas paisagens pela ação humana são realmente preocupantes. É necessário repensar nossas formas de relação com a natureza, sob pena de tornar o planeta inviável para a existência humana. Todos os setores produtivos devem, nesta perspectiva, se empenhar para que as atividades que desenvolvem não venham a agravar ainda mais este quadro.

Passaremos agora a refletir sobre os impactos que o aquecimento global pode vir a causar especificamente no turismo, bem como o compromisso que este setor deve ter

com a minimização dos efeitos de suas atividades sobre o sistema climático do planeta.



## TURISMO E AQUECIMENTO GLOBAL

Quando fui convidado para fazer uma palestra sobre turismo em uma mesa sobre sustentabilidade e aquecimento global, me vi diante de uma grande responsabilidade, já que os relatórios do IPCC que tratam dos últimos resultados de medições feitas em todo o mundo, ainda não foram plenamente dimensionados para todas as atividades produtivas.

No final de década de 1980, quando Besancenot (1991) escreveu sua clássica obra "*Climat et Tourisme*", as questões relativas ao aquecimento global ainda não tinham ganhado a vultosa dimensão da atualidade. Naquela época, se pensava em como se aproveitar as possibilidades oferecidas pelo clima e pela climatologia para se planejar os lugares nos quais, de alguma forma, o clima constituía um dos atrativos. Mas na atualidade, quase uma década e meia depois, estamos preocupados com as mudanças que os destinos vêm sofrendo em função do aquecimento global. E as perspectivas mais otimistas são aterradoras.

Podemos aqui nos aventurar a refletir sobre os impactos do aquecimento global sobre o turismo. As transformações que se mostram possíveis para os lugares turísticos já foram bem divulgadas pela mídia: inundações litorâneas, secas, ondas de calor, intensificação de tempestades, perda de biodiversidade, desertificação, degelo polar, redução de geleiras em áreas montanhosas, entre outros cenários.

Tais fatores interferem diretamente no conforto térmico e ambiental dos visitantes por ocasião de suas viagens. Mas quais as transformações concretas que podem ocorrer na vida dos turistas? De que forma o aquecimento

global pode interferir negativa ou até mesmo positivamente na atual dinâmica do turismo mundial?

Do ponto de vista operacional, as chances de o turismo se adaptar são realmente consideráveis, pois esta é uma atividade profundamente plástica, mutável, capaz de se adequar com relativa facilidade a cenários diversos, graças à sua capacidade de transformar o “estranho”, o inusitado e mesmo o inesperado em atrativo turístico. É possível que algumas operadoras consigam transformar uma região alterada pelo clima em local de visitação exatamente porque virou prova cabal do aquecimento do planeta.

No entanto, a questão que incomoda é: “*mostrar os lugares para quem?*”

Quem seriam os turistas em um mundo em aquecimento? Quem realmente poderia gastar dinheiro com viagens em um mundo que cobra mais caro pela água, pela energia, pelos alimentos e outros recursos?

Vale a pena, neste momento, pensarmos um pouco na classe média, em seu modo de viver e em suas necessidades, pois este extrato da sociedade é, globalmente, a base de sustentação do modo de produção pós-fordista, que o professor Milton Santos chamou de *capitalismo informacional*.



## **IMPACTOS DO AQUECIMENTO GLOBAL SOBRE A DEMANDA POTENCIAL DO TURISMO**

Vamos começar este tópico deixando uma idéia bem clara: sem classe média não há capitalismo, não há globalização, não há aporte econômico significativo por meio do turismo, pois quem compõe a clientela do tão discutido turismo de massa é exatamente a classe média.

Ela é a base da massa consumidora e alvo das campanhas publicitárias. Geralmente, quando falamos a palavra turista, estamos de certo modo nos referindo a um componente da classe média, como tem demonstrado as pesquisas de perfil de fluxo em escala global.

É sobre a estrutura de vida da classe média que os Estados ocidentais modernos (ou ocidentalizados) puderam se estruturar, consolidando-se por meio das instituições sociais que dão identidade a este extrato social. Sem esta parcela da população, a economia informacional não se reproduz e, claro, que sentido teria o comércio sem a ávida demanda consumista?

O que temos observado é um certo achatamento das finanças da classe média em escala mundial. Quando o Estado deixa de investir em segurança, investimos nossas reservas em empresas particulares de segurança e em mecanismos de vigilância patrimonial. Quando o Estado se ausenta da saúde, pagamos planos particulares de assistência médica. Quando o Estado se ausenta da educação, matriculamos nossas crianças e jovens em escolas e faculdades particulares.

Estes exemplos mostram que ser da classe média é assumir uma vida cada vez mais cara: previdência privada, estradas concedidas a operadoras privadas que cobram

pedágios, só para citar exemplos concretos de nosso dia-a-dia.

A consequência é a oneração de nosso cotidiano que, logicamente, encurta as reservas que podem ser investidas em viagens. Se a classe média não puder contar com políticas reais de melhoria da qualidade de vida, que futuro poderemos esperar para o turismo?

Com o agravamento do aquecimento global, as viagens tendem a encarecer, já que hotéis e restaurantes, por exemplo, terão que pagar caro pela água e pela energia que consomem. Estudos coletados por Fábio Fieldman, importante político brasileiro que tem atuado em defesa ambiental em São Paulo e no Brasil como um todo, mostram que *“cerca de 250 milhões de pessoas, distribuídas em 26 países, já enfrentam a escassez de água. Estimativas cogitam que 71% da população mundial sofrerá com a falta de água potável até 2010”*<sup>2</sup>.

Façamos uma reflexão com base em uma situação prática: no Brasil, pagamos em média R\$1,50 por uma garrafinha de água mineral de 500 ml. Se comprarmos uma garrafa de um litro, pagaremos R\$3,00. Ora, este valor é superior ao preço da gasolina na maior parte do país. Não podemos esquecer que a água ainda não é um recurso considerado escasso no Brasil, mas com base neste pequeno exemplo, podemos imaginar quem no futuro poderá comprar água mineral, caso ela venha a escassear.

Não se trata somente de perdermos a neve das estações de esqui, as praias que tanto amamos ou a vegetação de lugares de ecoturismo. Corremos o risco de perder boa parte de nosso público consumidor caso políticas públicas de

---

<sup>2</sup> Em palestra proferida em 1996 na Rede Gazeta de Comunicações, Vitória – ES.

envergadura global não sejam implementadas urgentemente para reduzir os efeitos do aquecimento do planeta.

Mesmo que muitos destinos saiam pouco afetados pelo aquecimento global, quem os visitará? Precisamos repensar nossas práticas, nossa forma de fazer turismo, nossos pressupostos de planejamento. Como ensinou Boff (1999), é preciso rever nossos conceitos e adotar globalmente uma postura de cuidado consigo mesmo, com o outro e com o meio ambiente.

Uma alternativa frequentemente veiculada pelos estudiosos do setor é o chamado consumo sustentável como caminho mais prático para a sobrevivência do turismo. Podemos e devemos diminuir nossas emissões de CO<sub>2</sub> com utilização de combustíveis renováveis e investir pesadamente em energias alternativas. Evidentemente os lucros proporcionados pelo setor serão afetados, mas este infelizmente será o nosso preço a pagar.

Nossas compras cotidianas precisam ser revistas. Isso não significa dizer que devemos eliminar nossos pequenos prazeres do dia-a-dia, mas sim refletir e compensar o meio ambiente de alguma forma.

Uma nova sensibilidade deve surgir entre os turistas com a valorização da cultura local e das peculiaridades dos ambientes visitados e, assim, acredita-se que futuramente evitaremos gastos exorbitantes com medidas de mitigação. Interessante notar que alguns autores, como Swarbrooke e Horner (2002) chegam a questionar se realmente há “consumidores verdes” no turismo, afirmando que são poucas as evidências de sua existência. Bem, considerando o rumo no qual a humanidade tem se aventurado na pós-modernidade, os turistas terão, mais cedo, ou mais tarde, que adotar novas posturas.

Vejam os mais alguns aspectos que não podem ser esquecidos. Se a alma humana valoriza o que é belo, com os turistas não seria diferente. Ambientes pobres são geralmente confundidos com o “feio”. Como sensibilizá-los, uma vez que serão os lugares pobres que precisarão mais do turismo? Afinal de contas, um dos motivos da implantação desta atividade em uma localidade é exatamente a melhoria das condições locais de vida.

Não podemos esquecer ainda que com o aquecimento global, a saúde coletiva sofre impactos diretos com a proliferação de vetores de doenças. Segundo Gore (2006), nos últimos 25 anos, 30 doenças novas foram catalogadas e outras consideradas estabilizadas, voltaram à cena. Definitivamente, turistas não gostam de ambientes insalubres.

Tampouco apreciam lugares onde as tensões sociais são fato. Oxalá que a carência de determinados recursos não agrave as desigualdades sociais a ponto de incentivar a violência.

No entanto, podemos agir antes para que o impacto do aquecimento global seja o mínimo possível sobre o turismo e sobre a estrutura de gastos dos turistas. Ações efetivas são caras, porém necessárias.

## **PROPOSTAS PARA MINIMIZAR OS EFEITOS DO TURISMO SOBRE O AQUECIMENTO GLOBAL**

São muitas as possibilidades de ações individuais e coletivas para minimizar os impactos do turismo sobre a atual situação de mudanças climáticas. Portuguesez (2007)<sup>3</sup> e Patrucco (2008) elencaram uma série de sugestões em seus textos, que foram primeiros no tratamento desta temática.

Estas propostas são em sua maioria, dependentes de uma ampla ação de educação ambiental em seus mais variados níveis de inserção, pois requerem mudanças comportamentais individuais e de cunho gerencial.

Segundo Patrucco (2008), as ações de educação ambiental podem se refletir de forma positiva para a própria atividade turística, pois muitas nações do mundo possuem patrimônios ecológicos relevantes e a manutenção do meio natural em situação de equilíbrio é questão de vida para suas economias.

Com base nas argumentações destes autores, assim como na necessidade de se potencializar a eficiência ambiental do turismo, selecionou-se dez das propostas mais importantes para minimizar a contribuição do consumo turístico para o aquecimento global. São elas:

- 1- Preservação das florestas remanescentes e que nas áreas turísticas, rurais e urbanas, se incentive o aumento da arborização e criação de áreas protegidas. A idéia é aumentar as manchas verdes nas áreas de forte consumo turístico, como forma de

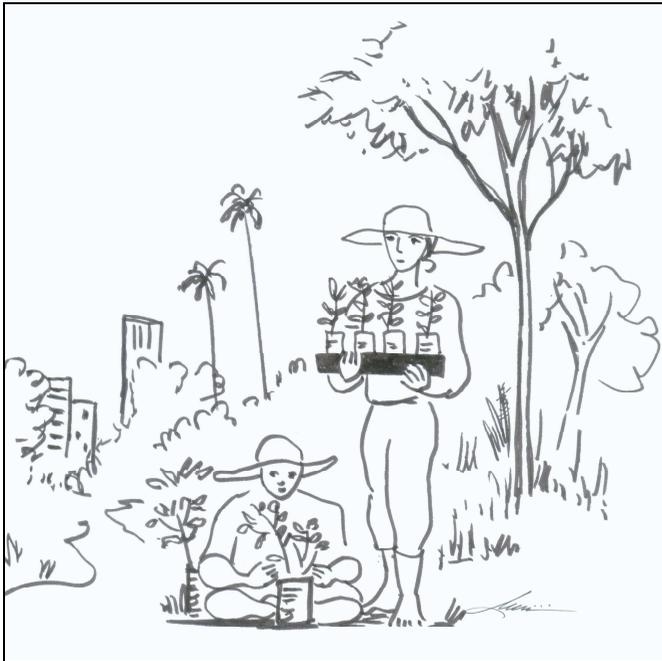
---

<sup>3</sup> 1ª edição desta mesma obra, publicada pela Editora Grafitusa, Vitória (ES) em 1997.

neutralizar, pelo menos em parte, as emissões de CO<sub>2</sub>.

A arborização urbana contribui ainda com outros confortos, tais como: oferta de sombras, alimentos, matéria-prima para artesanatos (sementes, galhos secos, cascas...), ajudam a controlar a poluição sonora, atraem pássaros, melhoram o aspecto estético da cidade e muitas outras vantagens.

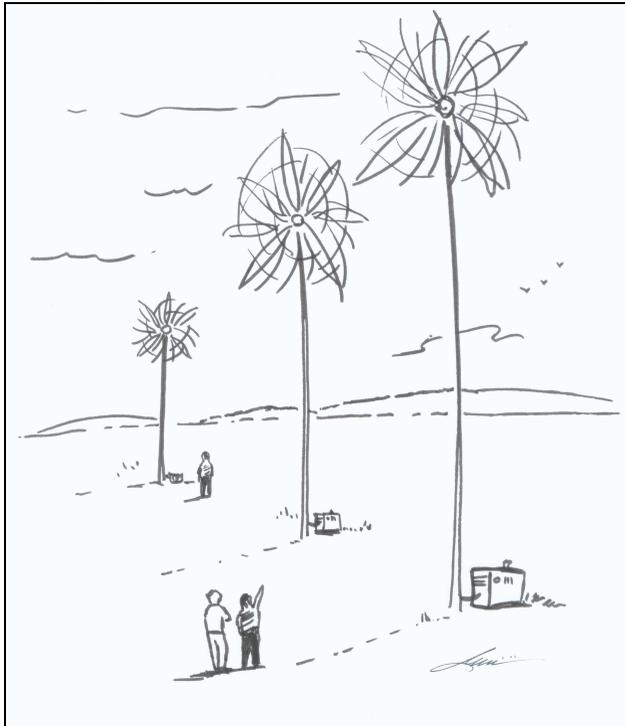
Deve-se, no entanto, planejar bem as ações de arborização para se evitar futuros danos à fiação elétrica, prejuízos à qualidade da iluminação pública e outros transtornos decorrentes de projetos paisagísticos inadequados.



- 2- Incentivo às viagens coletivas em suas diversas formas, em substituição às viagens individuais, sobretudo quando os veículos não utilizam combustíveis renováveis.

O transporte rodoviário, segundo Cruz (2003), mais de 90% da circulação de pessoas no Brasil (por meio comercial e por quilômetro), é feita por meio rodoviário. Uma forma de diminuir a grande quantidade de carros nas estradas é incentivar as viagens coletivas.

- 3- Que hotéis, pousadas, restaurantes e todos os demais empreendimentos turísticos, priorizem a utilização de equipamentos eletrônicos e eletrodomésticos eficientes, que gastem menos energia. Recomenda-se ainda a utilização de energias renováveis, com baixo grau de impacto ambiental.



- 4- Precisamos incentivar a redução drástica do descarte de resíduos em áreas turísticas. Mesmo sendo recicláveis, alguns produtos como garrafas tipo PET são produzidas em quantidades tão grandes que os processos atuais de reciclagem não são capazes de absorver o volume descartado.



Ações como: coleta seletiva de lixo, reutilização, reuso, reciclagem e redução de consumo, são fundamentais para a minimização dos efeitos do aquecimento global.



- 5- Que empresas e consumidores se acostumem a comprar produtos com menos embalagens, com menos processos energéticos envolvidos e com menos geração de impactos em seu processo de consumo. As embalagens representam boa parte do

preço final dos alimentos do tipo *fast food*, por exemplo.



- 6- Valorização da cultura local, que exige baixo investimento em seu processo de turistificação. Grandes estruturas de recreação gastam muita energia, muita água potável, geram muitos resíduos e nem sempre se vinculam ao contexto cultural local. Autores como Rodrigues (2007), mostram o quanto é

importante respeitar as comunidades receptoras e suas manifestações.



- 7- Que os empreendedores de grandes investimentos turísticos respeitem plenamente as condicionantes de suas Licenças Ambientais estabelecidas pela Resolução CONAMA 237 de 19/dez/1997<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> O Conselho Nacional de Meio Ambiente é um órgão deliberativo pertencente o Sistema Nacional de Meio Ambiente



---

(SISNAMA). Sua Resolução 237 de 27 de dezembro de 1997 estipula as licenças ambientais que devem ser solicitadas por ocasião da instalação e operação de empreendimentos potencialmente geradores de impactos ambientais significativos.

- 8- Incentivo à implantação de Sistemas de Gestão Ambiental (SGA) em empresas turísticas. No Brasil, alguns bons exemplos podem ser citados, merecendo destaque a iniciativa do Instituto de Hospitalidade, responsável pelo PCTS - Programa de Certificação em Turismo Sustentável.



- 9- Incentivo a novos valores sociais e humanitários com a valorização simultânea de três instâncias da existência humana: o eu, o outro e o meio ambiente. É chegada a hora de se considerar a *solidariedade* como caminho para uma nova visão de civilização.



10- O turismo necessita de um novo sistema de decisões pessoais, políticas e empresariais que entenda a urgência de se evitar ações que agravem o aquecimento global.

O que eu posso fazer para ajudar? Esta é a pergunta que deixo para cada um dos senhores e das senhoras aqui presentes. Não precisamos abrir mão do nosso conforto, ou das coisas boas da vida, mas são necessárias adequações às novas demandas ambientais para, juntos, logarmos um modelo de turismo verdadeiramente sustentável.

**O PAPEL DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
FOCADA NAS PESSOAS, EM SUAS NECESSIDADES  
E NA GESTÃO DO TERRITÓRIO**

Educação ambiental

O foco nas pessoas

De onde começar

A questão da gestão do espaço

Tomada de decisão a criança como foco da nova  
educação ambiental.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU DUVIDAS FINAIS?**

A discussão realizada neste livro se baseou em dois pontos: o primeiro se refere aos impactos do aquecimento global sobre os lugares turísticos e o segundo, que nos detivemos mais, se refere às conseqüências desses impactos sobre os turistas.

Os lugares turísticos podem sofrer alterações irreparáveis caso ações não sejam tomadas em favor da conservação ambiental. O aquecimento global tem dado sinais de ser capaz de provocar mudanças nas paisagens que podem torná-las desinteressantes para os viajantes.

O que isso pode significar? Fechamento de hotéis e outras empresas turísticas? Desemprego para os trabalhadores que dependem destes empreendimentos?

O que faremos se caso as comunidades que vivem do setor recreativo vierem a perder seus fluxos pelo fato de terem se tornado caras demais, ou mesmo impactadas pelas mudanças climáticas?

Uma coisa é certa: turistas poderão ser prejudicados caso os preços das viagens se elevem demais.

Para não sofrermos privações sérias no futuro, precisamos começar a agir agora. Empresas, governos e lideranças populares precisam se dispor a debater as questões relativas ao aquecimento global de forma séria e com foco em resultados. Só assim poderemos lograr um meio ambiente melhor, benéfico para nós e para os demais seres vivos do planeta.

As reflexões apresentadas neste pequeno livro constituem um conjunto de provocações. Nossa maior intenção foi gerar um incômodo produtivo, capaz de levar os leitores e seus pares a refletir. Junte seus amigos, seus

familiares, seus colegas de trabalho, enfim, as pessoas que estão à sua volta e proponha discussões sobre esta temática.

Faça pesquisas sobre o aquecimento global; monte uma agenda de ações em favor da conservação ambiental e, sobretudo, reveja suas ações. Todos nós podemos contribuir para a qualidade da existência humana neste planeta tão frágil.

## **REFERÊNCIAS**

BESANCENOT, Jean Pierre. **Clima y turismo**. Barcelona: Masson, 1991.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do homem –** compaixão pela terra. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CENTRO DE ESTUDOS INTEGRADOS SOBRE MEIO AMBIENTE E MUDANÇAS CLIMÁTICAS. **IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change** (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas). Disponível em [http://www.centroclima.org.br/inic\\_ipcc.htm](http://www.centroclima.org.br/inic_ipcc.htm). Acessado em 01/maio/2009.

FELIX, Júlio (org) **Programa de certificação em turismo sustentável: meios de hospedagem**. Salvador: Instituto de Hospitalidade, 2004.

GORE, Al. **Uma verdade inconveniente: o que devemos saber (e fazer) sobre o aquecimento global**. Barueri: Manole, 2006.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Consumo e espaço: turismo, lazer e outros temas**. São Paulo: Roca, 2001.

RODRIGUES, Adyr Balestrere. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEABRA, Giovani. **Planejamento e gestão de Unidades de Conservação: comunidades, visitantes e preservação**

ambiental. Disponível em  
<http://www.turismosertanejo.com.br> . Acessado em  
24/Ago/2007.

SWARBROOKE, John e HORNER, Susan. **O comportamento do consumidor no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

## **SOBRE O AUTOR**



Prof. Dr. Anderson Pereira Portugal

O autor é geógrafo licenciado pela Universidade Federal do Espírito Santo, Mestre em Geografia Humana pela USP e Doutor em “Geografia e Desenvolvimento: Território Sociedade e Turismo” pela Universidad Complutense de Madrid (Espanha), sob orientação do Prof. Dr. José Carpio Martín.

Trabalha com pesquisas em Geografia do Turismo desde 1992, quando iniciou efetivamente sua carreira de investigador.

Em 1998, apresentou sua dissertação de mestrado na USP, sob orientação da Profa. Dra. Adyr A. Balastrieri Rodrigues. Foi a primeira pesquisa neste nível sobre o fenômeno do agroturismo no Brasil.

Em 1999 publicou a obra “Agroturismo e desenvolvimento regional”. Em seguida, em 2001, publicou um dos primeiros livros no Brasil que trata da questão da Geografia do Consumo, com especial foco para a produção dos espaços de lazer e recreação. Esta segunda obra intitula-se “Consumo e espaço: Turismo, lazer e outros temas”.

Duas outras obras merecem destaque: São livros organizados pelo professor Anderson Pereira Portuguese e seus parceiros de academia: “Turismo, memória e patrimônio cultural”, publicado em 2004 e “Turismo rural: Enfoques e perspectivas”, publicado em 2006.

Ao todo, são 35 publicações, incluindo além das obras citadas, artigos de jornais, artigos em revistas de circulação de massa, capítulos de livros e artigos em revistas científicas.

Atuou ainda como consultor em gestão participativa do meio rural em algumas prefeituras, tais como: Santa Maria de Jetibá e Linhares, ambas no Estado do Espírito Santo.

É professor de Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP - Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

### **Contatos:**

anderson@pontal.ufu.br

<http://sites.google.com/site/professorandersonportuguez/>

